cultura.df@dabr.com.br
3214-1178/3214-1179
Editor: José Carlos Vieira
josecarlos.df@dabr.com.br

Correio Braziliense
Brasília, sábado, 21 de novembro de 2026

COM MAIS DE **1 MILHÃO DE LIVROS VENDIDOS, SOCORRO ACIOLI** AGORA SE PREPARA PARA VER DOIS ROMANCES TRANSFORMADOS EM FILME E EM ENREDO DE ESCOLA DE SAMBA

DEU CERTO QUE VIROU ARTE

Aponte a câmera do celular para assistir à entrevista



» NAHIMA MACIEL
» SAMANTA SALLUM

Quando fez a seleção para as 300 crônicas de *Amar é inadiável*, Socorro Acioli estabeleceu o tema da escrita, do livro e da leitura como fio condutor e fez questão de incluir *Azul Brasília*. No texto, ela conta, de maneira muito afetuosa, como as impressões da cidade descritas em carta de uma tia recebida na infância batiam exatamente com sua própria visão ao desembarcar na capital pela primeira vez, já adulta. Esta semana, Socorro esteve em Brasília novamente para lançar o livro. Foi mais uma de muitas visitas — a escritora já passou, inclusive, uma curta temporada na cidade para estagiar no **Correio Braziliense**, em 1999 —, mas todas confirmam o carinho pela capital. "Eu sou muito apaixonada por Brasília", garante Socorro, que fez sessão de autógrafos lotada na nova loja da Livraria da Travessa, no Parkshopping. " E *Azul Brasília* eu escrevi uma das vezes que eu vim para cá, então, meu amor por Brasília também está registrado."

Com 1 milhão de livros vendidos — só *A cabeça do santo* passou de 470 mil exemplares —, Socorro se tornou uma celebridade da literatura contemporânea brasileira com histórias cujo tempero local é forte, mas os sentimentos descritos são universais. Cearense de Fortaleza e formada em jornalismo, a escritora de 51 anos costuma encontrar na vida real o fio da meada de suas narrativas. É no mundo conhecido, ela acredita, que estão as melhores histórias. *A cabeça do santo* nasceu de uma reportagem na qual moradores de uma cidade reclamavam dos restos de uma estátua abandonada. "Por sorte, eu sou jornalista e sempre achei que na realidade estariam as minhas melhores histórias, por isso guardava matéria de jornal, recorte de jornal. E tinha o recorte de jornal sobre essa história da cabeça, que é real, que está lá até hoje, no chão", conta.

O mesmo ocorreu com *Oração para desaparecer*, o segundo romance de Socorro, que parte da história real de uma igreja em uma vila próxima a Jericoacoara que ficou soterrada por dunas de areia por 45 anos devido a uma combinação entre um fenômeno geológico e os ventos extremos que sopram na região. "Essa igreja seria um pacto de paz entre os portugueses e os tremembés, um pacto que não se cumpriu, porque houve um massacre muito grande de tremembés depois da construção, então os tremembés explicam que os encantados se vingaram cobrindo a igreja durante 45 anos",



Fotos: Reprodução CB

conta a autora, que vai se casar nessa igreja no ano que vem. "Eu não casaria na igreja, não era um plano da minha vida, mas eu vou porque é lá", revela.

Antes do casamento, no entanto, ela se prepara para terminar o terceiro romance, cujo título provisório é *Delírio de São Pedro* ,e traz, mais uma vez, uma história nascida na vida real. Socorro é filha de uma paciente psiquiátrica que passou parte da vida em um hospital antes da reforma que culminou na Lei Antimanicomial, de 2001. Foi criada pela avó, mas, lembra se bem de algumas visitas à mãe, que esteve internada no Hospital Mira Y Lopes, em Fortaleza. "Minha mãe era paciente psiquiátrica grave e morreu internada. Foi um período muito marcante para mim", conta. "E uma vez, uma psicóloga me contou que, quando os hospitais começaram a fechar, eles fizeram uma lista dos pacientes e foram ligando para as famílias. Mas, em muitos hospitais, sobrava um número de pessoas que não tinha nem um documento, que tinha um nome dado lá dentro, mas que não se sabia, de fato quem era, de onde era", lembra. "E eu tinha muita vontade de juntar essas coisas com alguns personagens, que fogem antes de o hospital ser fechado e invadem um prédio abandonado na beira da praia, o edifício São Pedro, que existiu em Fortaleza e foi demolido." Socorro começou o romance há 20 anos, antes mesmo de escrever *Oração para desaparecer*, mas somente agora chegou perto da forma final. E não é, ela avisa, um livro triste.

O primeiro livro publicado, aos 8 anos, graças ao diretor da escola na qual estudava, rendeu uma bicicleta e fez Socorro achar que podia, então, viver daquilo. Muitas vezes, no entanto, ouviu da família e de professores que devia escolher uma profissão e manter a escrita como um hobby, por isso cursou jornalismo na Universidade Federal do Ceará. Foi apenas em 2006, durante um curso de escrita literária com Gabriel Garcia Márquez em Cuba, que teve a certeza de que a literatura não era um hobby, e sim sua profissão. O Nobel autor de *Cem anos de solidão* elogiou a proposta, então ainda incipiente, para o romance *A cabeça do santo*. O livro fez tanto sucesso que vai virar filme, com direção de Joana Mariani e elenco formado por Antônio Pitanga e Agnes Nunes. *Oração para desaparecer*, que também está em fase inicial de produção, terá Alice Carvalho, de *O agente secreto*, como protagonista.

Autora mais vendida da Festa Literária Internacional de Paraty em 2023, quando *A cabeça do santo*, publicado originalmente em 2014, passou ao topo das listas de vendas, Socorro Acioli conversou com o **Correio** sobre como as experiências acabaram levando-a sempre em direção à literatura. "A verdade, para ser bem honesta, é que, nesses 27 anos, tudo que eu tentei deu errado, e a única coisa que deu certo foi a literatura. Porque era a que tinha que dar certo", garante.

Entrevista // Socorro Acioli

Como nasceu a crônica *Azul Brasília*?

Eu fui criada por uma tia engenheira agrônoma que era funcionária do Ministério da Agricultura. Ela fez o concurso para o Ceará, mas foi chamada para ficar um ano em Brasília, no Ministério da Agricultura, e ela me mandava cartas falando de Brasília, do projeto do Lúcio Costa, do plano piloto. Ela descrevia Brasília e eu, super imaginativa, construí uma ideia utópica de cidade, porque ela também era muito apaixonada por Brasília. Fui construindo essa Brasília da minha imaginação, com muito amor pela cidade. Depois conheci a cidade e confirmei. Poderia ter sido uma decepção, eu poderia ter visto uma cidade muito diferente do que imaginava, mas confirmei aquela cidade dos sonhos da das leituras das cartas da minha tia.

Você quase foi dissuadida de ser escritora. Como a persistência te levou para a literatura?

Eu escrevo desde criança e queria ser escritora desde criança. Fui dissuadida da ideia, porque me disseram que não era profissão, que era uma coisa que se faz nas horas vagas, mas que profissões são outras coisas. Então, eu fui fazer jornalismo por dois motivos. Primeiro, porque era a profissão onde você aprende a escrever. Não é só isso, mas é uma das coisas. Eu achava que não ia voltar a escrever nunca, que não ia funcionar. Pouco a pouco, fui recebendo convites para escrever literatura, mas eu achava que não dava, que eu tinha que fazer outra coisa. Quando estava perto de terminar a faculdade, o Lira Neto, que era editor do *Jornal Povo*, criou uma coleção chamada Terra Bárbara, com perfis biográficos e textos curtos. Ele me perguntou se eu não queria escrever alguma coisa para essa coleção e eu escrevi sobre o Frei Tito de Alencar Lima, a pedido do Frei Beto. Depois me convidaram de novo para escrever outro, sobre a Raquel de Queirós. Depois, me convidaram para escrever livros para crianças, crônicas, poesias. O primeiro livro que eu realmente decidi escrever foi *A cabeça do santo*, por causa da oficina do Garcia Márquez.

Por que, na sua opinião, os romances fizeram tanto sucesso?

Eu fui entendendo aos poucos, pelas coisas que as pessoas me dizem. Escuto muito e uma coisa que deixa muito feliz é ouvir muitas pessoas dizendo que é o primeiro livro de literatura que leram na vida. Pessoas mais velhas ou com baixa escolaridade, ou que nunca tinham se interessado. Escuto também que o livro é muito presenteado porque tem algumas características: capítulos curtos, história fácil de acompanhar, linguagem que eu me esforcei muito para ser simples. Então, vai conquistando os leitores no boca a boca, a gente não tem explicação.

E de onde vêm essas histórias? E essa relação com a religiosidade?

As minhas famílias paterna e materna são de cidades pequenas, do interior, e a relação das pessoas mais simples e com menos escolaridade, como eram as pessoas da minha família, com a religiosidade é quase de única via de salvação. Agora, a gente tem uma melhora muito grande na condição de vida no Nordeste, mas na minha infância, a seca e a fome ainda eram grandes problemas. A fé consolava. Eu fui criada por uma família muito católica, uma avó muito católica e com todo esse repertório de romarias, de festejos religiosos. Cresci interessada em religiões e manifestações de fé no geral, é uma coisa que faz parte da minha forma de pensar a vida. Isso vai para as minhas histórias e para os meus personagens. E sou muito atraída por histórias reais relacionadas com a fé. Uma cabeça de santo no meio da rua é uma sorte muito grande, você nascer num lugar que tem isso!

O que você trouxe de mais importante da oficina com Gabriel Garcia Marquez?

Foi uma oficina curta, de uma semana, mas o que mais marcou foi ser legitimada por ele, ter uma história escolhida por ele. Isso, logicamente, sanou aquele medo que eu tinha de não conseguir um dia escrever uma história de ficção. E ele disse coisas pontuais que me marcaram. Por exemplo: alguns escritores dizem que começam a escrever um livro de um tema, de uma imagem, de um sentimento inicial e que não planejam o que vai acontecer, seguem um fluxo criativo. E ele dizia exatamente o contrário: não sente para escrever antes de ter um eixo planejado e pense quais são os fatos principais da sua história dentro desse eixo, não se perca dele. Esse planejamento é muito importante para o tipo de história que eu escrevo. Se eu não tivesse essa disciplina e esse método, não teria conseguido. Outra coisa que ele falava era: tente resumir a sua história do jeito que você resume a história do Chapeuzinho Vermelho. A gente só consegue saber a história que vai contar quando consegue resumir.

Sobre os filmes *A cabeça do santo* e *Oração para desaparecer*, você se envolveu?

Não, eu não quis saber. *A cabeça do santo* está mais adiantado e eu não quis saber do roteiro, porque acho que o que eu tinha que contar, eu contei no livro. O cinema é outra linguagem, e eu prefiro que as pessoas que entendem de cinema cuidem do roteiro. Então, quem fez o, quem está fazendo o roteiro é a Natália Maia. Alguns atores já foram divulgados, mas não se sabe quem vai ser o Samuel. Tem uma grande possibilidade, mas eles me pediram muito para não contar, porque eu tenho um grave problema de contar as coisas do filme sem poder. Eu contei que o Antônio Pitanga estava no elenco, mas não era para ter contado, e que a Agnês Nunes vai fazer a Rosário, também não era para contar. Mas agora o Samuel, eu preciso guardar. Esse elenco está sendo definido até o final do ano, porque tem o Carnaval e tem a Unidos da Tijuca

A Cabeça do santo vai ser enredo da Unidos da Tijuca no Carnaval 2027, no Rio de Janeiro. Como vai ser sua participação?

Eu, que nunca pulei um carnaval na minha vida, vou estrear na Sapucaí em cima do carro. Está sendo incrível também o processo, está acontecendo ao mesmo tempo filme e carnaval. Inclusive, o pessoal da Unidos da Tijuca está bem ligado com a equipe do filme, com a Joana, alguns atores do filme vão desfilar também. E o filme vai ser rodado no Ceará, a gente faz questão que a maior parte da equipe, tanto equipe técnica quanto de atores e atrizes, seja cearense, seja nordestino, com algumas exceções.